

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 14 / 2020



2020

Limite. Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEx) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director – Juan M. Carrasco González: direccion@revistalimite.es

Secretaría – María Luísa Leal / M^a Jesús Fernández García: secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Julie M. Dahl (University of Wisconsin-Madison)

Luisa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

Iolanda Ogando (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad de Extremadura)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Otília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidad de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09 . I.S.S.N.: 1888-4067

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL.14 – Año 2020

*Traducción e Interpretación Pedagógica y Enseñanza de
Portugués Lengua Extranjera*

Coordinación

Ana Belén García Benito

Ana María Díaz Ferrero



Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía* en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes.

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 14 – 2020

Traducción e Interpretación Pedagógica y Enseñanza de Portugués
Lengua Extranjera

SUMARIO / SUMÁRIO

- Ana Belén García Benito / Ana María Díaz Ferrero** – Eliminando preconceptos sobre el uso de la traducción y de la interpretación pedagógicas en la enseñanza del portugués como lengua extranjera 9-23
- Rocío Alonso Rey** – El lugar de la traducción en la metodología de enseñanza del PHE en niveles iniciales: el tratamiento de contenidos competenciales 27-54
- Rafael Porlán Moreno** – Integración de la interpretación pedagógica en el aula de idiomas: investigación-acción, competencias y actividades didácticas en lengua oral 55-75
- Dolores Lerma Sanchis** – La traducción en clase de lengua extranjera: una perspectiva comunicativa 77-100
- Ana María Díaz Ferrero / Rosemeire Selma Monteiro-Plantin** – A tradução da fraseologia como estratégia de ensino de línguas próximas 101-127
- Luciana Montemezzo** – Ensinar e pesquisar. Tradução em contextos dessemelhantes: processos e diálogos 129-150
- Rebeca Hernández** – La traducción de textos literarios del portugués al español como recurso de aprendizaje transversal para estudiantes de PLE 151-169
- Varia**
- Juan M. Carrasco González** – A imagem do português fronteiriço: paisagens linguísticas na região de Valencia de Alcántara 173-204
- Jussara Dallemole / Paulo Osório** – Abordagem dialetológica e sociolinguística da variação lexical em dois pontos regionais do português: análise do campo semântico “Jogos e Diversões Infantis” 205-232

Bárbara Garrido – <i>¿AcaDEmia o acadeMia?</i> Palabras heterotónicas en el aprendizaje de portugués como lengua extranjera por hablantes de español	233-262
João Medina – Samuel Schwarz (1880-1953). Judeu português, historiador e arqueólogo	263-280
Ana Isabel Moniz / Marfa-Pilar Tresaco – Adaptções em banda desenhada de <i>Viagem ao Centro da Terra</i> de Jules Verne	281-295
Gustavo Rodrigues da Silva – <i>Jerusalém</i> de Gonçalo Tavares: obra contemporânea, pós-modernista e canônica na narrativa portuguesa do século XXI	297-309

Reseñas / Recensões

Xosé Manuel Dasilva – Luís de Camões, <i>20 Sonetos</i> , Campinas, Editora da Unicamp, Introdução e edição comentada de Sheila Hue, 2018, 144 pp.	313-317
Xosé Manuel Dasilva – Cervantes y Camões. Contrastes y divergencias, Madrid - Lisboa, Instituto Cervantes - Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, 2018, 66 pp.	317-321
Sérgio Guimarães de Sousa – Eduardo Mahon, <i>Alegria</i> , Cuiabá, Carlini & Caniato, Porto Alegre, Editora Sulina, 2018, 175 pp.	322-325
Leonor Martins Coelho – José Tolentino Mendonça, <i>O que é amar um país. O poder da esperança</i> , Lisboa, Quetzal, 2020, 123 pp.	325-330
Santiago Pérez Isasi – Roberto Samartim e Carlos Pazos-Justo (eds.), <i>Portugal e(m) nós. Contributos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português</i> , Vila Nova de Famalicão, Húmus / Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2019, 249 pp.	330-334
José Cândido de Oliveira Martins – Dora Nunes Gago, <i>Uma Cartografia do Olhar: Exílios, imagens do estrangeiro e intertextualidades na Literatura Portuguesa</i> , Famalicão, Húmus, 2020, 194 pp.	334-336
Maria Luísa Leal - António Sá, Famílias na guerra: pesadelo infantil, Cacém, Bubok Publishing, 2013, 91 pp.	336-339
Normas de publicación / Normas de publicação	341-343

A imagem do português fronteiriço: paisagens linguísticas na região de Valencia de Alcántara¹

The image of Portuguese language in the Portugal-Spain border: linguistic landscapes in the region of Valencia de Alcántara

Juan M. Carrasco González
Universidad de Extremadura
jcarrasc@unex.es

Data de receção do artigo: 14-05-2020
Data de aceitação do artigo: 08-07-2020

Resumo

Análise da paisagem linguística de Valencia de Alcántara e de outras localidades fronteiriças com Portugal pertencentes ao seu concelho. Devido ao seu contacto com a língua portuguesa, esta região tem especial interesse do ponto de vista sociolinguístico. Neste trabalho, analisar-se-á a presença do português falado no outro lado da fronteira, o português falado tradicionalmente nas aldeias fronteiriças espanholas e o português antigo que se falou em Valencia de Alcántara na Idade Média. Propomos uma metodologia adaptada a esta realidade, muito diferente da metodologia utilizada noutros trabalhos que se levaram a cabo em regiões espanholas onde existem dois idiomas oficiais.

¹ Este trabalho insere-se no projeto de investigação *La Imagen de Portugal en Extremadura (Convocatoria de proyectos de investigación en los centros públicos de I+D+i de la Comunidad Autónoma de Extremadura, Resolución de la Consejería de Economía e Infraestructuras de 1 de febrero de 2019, DOE de 8 de febrero)*, refer. IB18038. Recebeu o apoio dos fundos FEDER da União Europeia.



Consejería de Economía e Infraestructuras



Unión Europea

“Fondo Europeo de Desarrollo Regional – Una manera de hacer Europa”

Palavras-chave: paisagem linguística – Valencia de Alcántara – fronteira hispano-portuguesa – língua portuguesa.

Abstract

Analysis of the linguistic landscape of Valencia de Alcántara and some towns bordering with Portugal on its region. Due to the contact with the portuguese language, the place subject of study is a zone of special interest from the sociolinguistic point of view. In this paper, we will analyse the portuguese spoken on the other side of the border, on the border towns between Spain and Portugal and the old portuguese spoken in Valencia de Alcantara during the Middle Ages. We propose a methodology adapted to this reality, much different from the methodology followed on other researche conducted on another spanish regions where two official languages coexists.

Keywords: linguistic landscape – Valencia de Alcántara – Spanish-Portuguese border – portuguese language.

Introdução

A presença do português falado nas pequenas aldeias fronteiriças pertencentes ao município de Valencia de Alcántara, bem como a língua portuguesa do outro lado da fronteira e até o português falado historicamente naquela região desde a Idade Média são as três realidades que serão analisadas neste trabalho. Para isso segui uma metodologia de paisagens linguísticas segundo os pressupostos estabelecidos inicialmente por Landry e Bourhis (1997), que definem a paisagem linguística como a língua ou línguas utilizadas em todo o tipo de textos expostos no espaço público, como é o caso dos anúncios comerciais, os sinais nas ruas e estradas, os rótulos de edifícios públicos e até mensagens mais informais como avisos escritos à mão colados à porta de casa ou graffiti. O estudo de Landry e Bourhis, que tentava comprovar os resultados das políticas linguísticas de preservação do francês em Quebec, adapta-se muito bem aos casos de convívio de duas línguas oficiais num mesmo território, e por isso teve bom acolhimento em Espanha nas comunidades autónomas que possuem uma segunda língua oficial².

² Uma visão completa das origens dos estudos de paisagens linguísticas em Espanha, bem como a sua evolução até 2013, pode ver-se no número monográfico da *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana – RILI*, vol. 11.1.

No caso do catalão, houve uns primeiros trabalhos que estudaram a presença da língua no comércio com um interesse mais quantitativo do que preocupado com a aplicação rigorosa da metodologia de paisagens linguísticas, como é o caso de Jordi Solé Comardons e Joan Maria Romaní (1997, 1999). Eram trabalhos que tentavam verificar a eficácia das políticas linguísticas do Governo catalão e promover medidas para a substituição do espanhol nesses domínios. De facto, muitas vezes as linhas de trabalho mudaram das paisagens linguísticas ao estabelecimento de um “sistema d’indicadors lingüístics a Catalunya” que, ainda dentro da sociolinguística, mantém a sua atividade muito ligada à Direcció de Política Lingüística da Generalitat de Catalunya (cf. Solé / Torrijos 2008). Mesmo assim, oferecem-nos dados estatísticos sobre o uso do catalão que mais tarde, por exemplo em Comajoan (2013), hão de servir para verificar a variação no uso do catalão com o transcurso do tempo.

O uso da língua minoritária (ou em processo de normalização) nos espaços públicos é fundamental nas políticas linguísticas. Por isso muitas das publicações e trabalhos de investigação neste âmbito pertencem a governos ou são subsidiados por eles, não esquecendo que, por sua vez, a língua visível nos espaços públicos é uma demonstração de identidade e poder. Na Catalunha, é o caso da revista *Llengua i Ús*, que pertence à Direcció General de Política Lingüística, onde podemos encontrar uma extraordinária coleção de estudos desde 1994, ou também a revista *Noves SL* da Secretaria de Política Lingüística, que funcionou entre 2000 e 2009 [www.gencat.cat/llengua/noves/noves/]. Outras instituições que não pertencem ao Governo catalão, mas estão fortemente relacionadas com ele, como é o caso do Institut d’Estudis Catalans, promovem publicações deste tipo e mantêm revistas ligadas a esse âmbito de estudos como *Treballs de Sociolingüística Catalana. Revista de la Societat Catalana de Sociolingüística* [revistes.iec.cat/index.php/TSC/index].

Como afirmaram Jokin Aiestaran, Jasone Cenoz e Durk Gorter, especialistas em paisagens linguísticas do País Basco, “En general, las lenguas minoritarias no pueden prescindir de una presencia sustancial en las paredes de los pueblos y ciudades. El paisaje lingüístico constituye un elemento insoslayable en un proceso de revitalización y de búsqueda de un futuro sostenible” (Aiestaran / Cenoz / Gorter 2013: 35). Os estudos de paisagens linguísticas no caso da língua basca desenvolveram-se na Universidade do País Basco (UPV/EHU) em grande medida graças a Durk Gorter e Jasone Cenoz com a análise da

realidade que oferecia a cidade de Donostia – San Sebastián: v.gr., Cenoz / Gorter (2006), Aiestaran / Cenoz / Gorter (2010), Gorter / Cenoz (2012), etc. Gorter continuou o trabalho de paisagens linguísticas no País Basco e noutros territórios de línguas minoritárias na Europa, mas as publicações conjuntas dirigiram-se prioritariamente à pesquisa do âmbito da educação, nem sempre com a metodologia das paisagens linguísticas. Por outro lado, o Departamento de Cultura y Política Lingüística do Governo basco não tem publicações periódicas ou subsídios a projetos que estudem a visibilidade da língua basca nos espaços públicos³.

Na Galiza aparecem os primeiros trabalhos de paisagens linguísticas a partir do Mestrado em Linguística Aplicada que partilham as três universidades galegas, sendo analisadas as cidades de Pontevedra (López Docampo 2011) e Santiago de Compostela (Wellings 2014, Kakiyara 2014), todos publicados na revista da Real Academia Galega *Cadernos de Lingua* (uma visão de conjunto em Regueira / López Docampo / Wellings 2013). Por sua vez, Dundlevy (2012) elabora um trabalho no Trinity College Dublin sobre as paisagens linguísticas de Cee e A Coruña. Mais recentemente, Matthew Wellings aplicou a metodologia das paisagens linguísticas ao uso do galego na Internet, dado que para estudar a visibilidade das línguas nos nossos dias é preciso analisar não só o espaço público, mas também o novo espaço digital (v. Mosquera / Wellings 2014). Têm aparecido também nos últimos anos trabalhos sobre áreas muito mais restritivas, como são os *graffiti* (cf. Rodríguez / Ramallo 2015). O atual Governo galego mantém a presença da língua galega nos rótulos de tipo oficial, mas não tem uma política efetiva de presença no âmbito privado e não promove publicações sobre a presença da língua no espaço público.

Pode-se afirmar que a metodologia de estudo das paisagens linguísticas em línguas minoritárias foi aplicada em Espanha nos territórios que possuem uma língua oficial ao lado do espanhol (catalão, basco e galego). Por um lado, têm o propósito de avaliar os resultados das políticas de normalização lingüística dos diferentes governos regionais e, por outro lado, analisam os efeitos que estas políticas têm

³ Porém, todas as instituições bascas estabeleceram uma legislação muito severa para o uso da língua basca no espaço público, especialmente nos lugares onde a língua basca é pouco usada. Veja-se, por exemplo, o *Plan para la normalización del uso del euskera en el ayuntamiento de Vitoria-Gasteiz - V período de planificación (2013-2017)*: <https://www.vitoria-gasteiz.org/docs/wb021/contenidosEstaticos/adjuntos/es/24/90/82490.pdf>.

no uso real das línguas minoritárias e as atitudes linguísticas dos habitantes daqueles territórios⁴.

É claro que não podemos utilizar a mesma metodologia nem devemos estabelecer os mesmos objetivos de trabalho quando estudamos uma realidade bem diferente como é a fronteira entre Espanha e Portugal na região da Extremadura espanhola. No caso dos estudos sobre o catalão, o basco e o galego estamos perante uma realidade de língua minoritária com milhões de falantes, até ao ponto que, mais do que falar de *línguas minoritárias* nestes casos, propôs-se a denominação de *línguas minorizadas* porque, não tendo poucos falantes e estes não sendo uma minoria dentro do seu território (salvo no caso do basco), estão ainda em processo de normalização linguística e sempre em risco perante o castelhano. Nestes territórios, existe uma política linguística perfeitamente regulada em leis e decretos que abrangem também a presença destas línguas no espaço público.

Na fronteira da Extremadura espanhola existem variedades que se podem considerar *línguas muito minoritárias* ou *micro-sistemas linguísticos*, como é caso dos falares de Xalma, com características de uso, de normalização, de normatização e de preservação que nada têm a ver com o catalão, o basco e o galego (v. Carrasco 2019). E também formas dialetais da língua portuguesa que no passado, por diferentes motivos, ultrapassaram a linha fronteiriça e que em todos os casos estão em risco de desaparecimento, sendo este o caso que nos ocupa da região de Valencia de Alcántara. Como veremos neste trabalho, a situação está a mudar muito nos últimos anos, verificando-se uma substituição não só da língua, mas também da população das aldeias raianas. O facto de estarmos a assistir a este processo, faz com que a *linguistic landscape* se transforme numa *linguistic ethnoscapes*, que Maria Vittoria Calvi define (tomando o termo de Appadurai 1996) como “paisaje de personas en movimiento” (Calvi 2018, p. 8), isto é,

⁴ Uma revisão de outro tipo de trabalhos de paisagens linguísticas em Espanha e nos países de língua espanhola, também mais atualizado, pode ver-se em Matia Vittoria Calvi (2018). Infelizmente, a produção destes estudos em espanhol é ainda muito escassa: “En la amplia bibliografía consultada, sin embargo, los estudios escritos en español brillan por su escasez [...] Dicha carencia se debe no solo a la caracterización internacional de este ramo de investigación y a la práctica difundida de utilizar el inglés como lengua de comunicación científica, sino también a que, hasta la fecha, el interés por este tema entre los especialistas de la lengua española ha sido más bien escaso” (Calvi 2018, p. 52). Quanto aos estudos em português, no Brasil e ainda mais em Portugal, a escassez de trabalhos e de especialistas é ainda muito maior.

aquele que aparece como consequência da mobilidade de emigrantes, refugiados, trabalhadores, turistas, etc.

O português falado nas aldeias fronteiriças de Valencia de Alcántara (v. Carrasco 1996a, 1996b, 1997, 2001), que aparece como consequência da instalação de famílias portuguesas desde o século XVIII, estava perfeitamente vivo nos últimos anos do século XX, mas só entre as pessoas mais idosas, porque nas últimas gerações o português foi substituído pelo castelhano (v. Carrasco 2006 e 2007)⁵. Por outro lado, estas pequenas aldeias foram abandonadas por grande parte dos seus habitantes ao passo que muitas das suas casas se converteram em vivendas de fim-de-semana ou de férias para os que as herdaram ou para muitas pessoas que as compraram (de Cáceres, Badajoz ou outras cidades) com esse mesmo propósito. Chama a atenção a grande quantidade de casas que estão à venda ainda nos nossos dias. Nessa situação, um primeiro objetivo do nosso trabalho será, portanto, tentar verificar se existe presença na paisagem linguística deste português tradicionalmente falado nestas aldeias.

Por outro lado, a cabeça do município, Valencia de Alcántara, é de fala espanhola mas, na Idade Média e, ao que parece, ainda no século XVI, falou-se um português que deve ter aparecido pela presença de portugueses na reconquista desta região (v. Carrasco 2015) e que teve como último testemunho o dialeto de Herrera de Alcántara (v. Vilhena 2000; Carrasco 2017). Um primeiro objetivo nesta vila será, portanto, verificar se na paisagem linguística é possível encontrar algum vestígio daquele português antigo.

Por fim, sendo uma região fronteiriça, interessa analisar nas suas paisagens linguísticas a possível presença da língua que se fala no país vizinho, cujos habitantes são recebidos como visitantes ou turistas, mas também como parceiros em muitas atividades que se levam a cabo conjuntamente.

Nesta última perspetiva existe o trabalho pioneiro de paisagem linguística de Lola Pons Rodríguez na região fronteiriça do Algarve (Pons 2014), que possui uma orientação identitária, o que também interessa muito a este trabalho. A autora define o conceito de *paisagem linguística* como “el conjunto de realizaciones materiales del lenguaje que vemos

⁵ Para verificar a situação atual da fronteira entre Espanha e Portugal do ponto de vista linguístico, bem como para aceder a uma completíssima bibliografia, pode ver-se o portal do projeto de investigação FRONTESPO (*Frontera España-Portugal: documentación lingüística y bibliográfica*): <http://www.frontespo.org/>.

por escrito em signos expostos em un entorno público determinado” (Pons 2012: 55). Coincide nisto com a nossa proposta, que vai seguir basicamente este princípio de análise, de tal modo que a nossa pesquisa fica limitada, portanto, às representações linguísticas, sem prestar atenção a outro tipo de *signos públicos* também analisados noutros trabalhos.

Ao contrário da proposta de Pons, contudo, o facto de ter como objeto de análise falares minoritários em risco de extinção relaciona mais o nosso trabalho com o de Landry e Bourhis (1997), iniciadores na investigação neste campo, que orientavam os seus estudos no sentido de avaliar a *vitalidade etnolinguística* do francês falado no Canadá. A presença de uma língua nas paisagens linguísticas é um indício da sua vitalidade ao mesmo tempo que as características do seu uso nos espaços públicos podem mostrar as características sociais do uso daquela língua e também o grau de alfabetização que em comunidades bilingues possui a população numa ou noutra língua.

Finalmente, deixamos uma referência também às possibilidades que as paisagens linguísticas nos oferecem para levar a cabo *arqueologia linguística*, em colaboração com os dados que nos oferece a cartografia linguística e a toponímia. Com isto podemos descobrir não só os locais que recentemente perderam o falar fronteiriço, mas também a antiga presença desde época medieval da língua portuguesa numa área muito mais extensa nesta mesma região.

Já Landry e Bourhis advertiam que os signos linguísticos presentes nos espaços públicos não só oferecem um registo de determinada língua num local, mas também possuem um conteúdo denotativo e conotativo: “an informational function and a symbolic function” (Landry / Bouhis 1997: 25). A análise destas duas funções relativamente aos propósitos de vitalidade, identidade e até diacronia vai constituir o objeto fundamental do nosso trabalho. Note-se que noutros lugares fronteiriços da Extremadura, que também fazem parte do nosso projeto de investigação, não existem falares fronteiriços e, conseqüentemente, a orientação metodológica será outra bem diferente.

O estudo de Lola Pons foi realizado sobre as localidades fronteiriças de Castro Marim e Vila Real de Santo António. A conclusão do estudo, para as duas localidades, é que o espanhol é postergado, salvo em textos de tipo mais informal expostos nos estabelecimentos comerciais de Vila Real:

Resultan relevantes las diferencias entre las dos localidades que hemos estudiado, con notables contrastes en cuanto a fisonomía y tipo de visitante foráneo acogido, pero es aún más llamativa una coincidencia: su postergación del español. La representación social de los turistas en Castro Marim es lusohablante o anglohablante; por el contrario el más abundante reflejo de español en la zona comercial de Vila Real apunta a una concepción de los compradores que acuden a esa calle menos heterogénea (Pons 2014: 88).

Pons considera que existe uma atitude de defesa da identidade nacional por parte dos portugueses. Ao contrário do que acontece noutras realidades fronteiriças, o convívio de duas línguas não transparece na representação linguística dos espaços públicos:

Parece trazarse una autodefinición de lo portugués a partir del paisaje lingüístico, que, lejos de dejarse arrastrar por los valores que se conceden a las fronteras por parte de las nuevas políticas, consolida la idea de separación y de diferencia. Si la frontera es algo político, es en lo social donde se le asigna un valor opaco o poroso. En lo que se refiere al paisaje lingüístico, este escenario de frontera se presenta como un lugar de no hibridación. La proximidad física y lingüística se rompe en el paisaje lingüístico, donde hay una limitación del otro (Pons 2014: 89).

Apesar da presença do espanhol na informação informal dos comércios de Vila Real de Santo António (o que ela denomina “la rotulación semiestable exterior, pero sobre todo la interior de los comercios”, 2014: 84) e do multilinguismo, com o espanhol muito mais frequente nos restaurantes, para Pons:

Resulta llamativo que en esta localidad, que vive del turismo que acude a sus playas y de la afluencia masiva de españoles a comprar textiles, el paisaje lingüístico no responda al propósito práctico que se espera. Estamos ante una curiosa negligencia comercial por la que se niega legitimidad a la presencia del español o a concederle relevancia. Igualmente, comprobamos de nuevo que la porosidad entre lenguas es mínima en el paisaje lingüístico de esta localidad y que, como unidad de análisis, el signo de paisaje lingüístico no puede dejar de ser solidario de la concepción que los hablantes tengan de las otras lenguas y los otros hablantes que los circundan (Pons 2014: 88).

O trabalho sobre as duas localidades do Algarve, que parece revelar um forte propósito de manifestação identitária por parte dos seus habitantes e de uma rejeição linguística e cultural do país vizinho,

conclui com a tese inicial proposta por Pons: “la elección lingüística de los espacios públicos refleja unas ciertas actitudes sociales y son símbolos de poder, estatus o posturas que adoptan los miembros de una sociedad” (2014: 88).

Valencia de Alcántara⁶

O município de Valencia de Alcántara tinha, em 2018, 5.439 habitantes. O número de habitantes não deixou de diminuir nos últimos anos: em 2000 tinha 6.240 habitantes⁷. Como aconteceu em toda a Extremadura, especialmente no âmbito rural, houve primeiro uma forte emigração, desde os anos 50 até aos 70, a zonas industrializadas de Espanha e da Europa. Se em 1950 possuía 15.586 habitantes, em 1980 tinha apenas 7.972⁸. Posteriormente, a baixa taxa de natalidade e o abandono do campo fez com que continuasse a perder habitantes, embora de forma muito mais leve.

Quase todos os habitantes moram na vila de Valencia. As aldeias e casaríos da fronteira não só têm escassa população como estão a perdê-la de forma ainda mais acentuada: Jola tem 25 habitantes (51 em 2001), El Pino tem 93 (130 em 2008), La Fontañera tem 106 (156 em 2013) e San Pedro de los Majarretes tem 56 habitantes (88 em 2010)⁹. Provavelmente, o número de pessoas que verdadeiramente vivem nestas aldeias seja menor, porque os mais velhos que vão para o lar de idosos de Valencia ou que se instalam na casa dos filhos noutras localidades normalmente não mudam o seu registo de residência.

A atividade económica mais importante é a agro-pecuária. Segundo as estatísticas de 2018, existiam 556 explorações agrícolas. Quanto a outras atividades, existiam neste ano 368 empresas, sendo as mais numerosas as de comércio, transporte, hotelaria e restauração, das quais existiam 189 empresas¹⁰. A região de Valencia de Alcántara tem abundância de água, bosques, serras e roteiros para caminhadas e passeios entre antas e paisagens muito bem conservadas. Isto fez com que muitas pessoas das cidades vão a Valencia por turismo e até para comprar uma casa de férias. Existem muitíssimas casas e quintas à venda

⁶ A pesquisa em Valencia de Alcántara e as aldeias fronteiriças foi realizada ao longo de vários dias em meados do mês de abril de 2019.

⁷ Fonte: *Instituto Nacional de Estadística* – www.ine.es. Última consulta em 07/05/2019.

⁸ Fonte: portal *Foro Ciudad* – www.foro-ciudad.es. Última consulta em 07/05/2019.

⁹ Fonte: *Instituto Nacional de Estadística* – www.ine.es. Última consulta em 07/05/2019.

¹⁰ Fonte: *Instituto Nacional de Estadística* – www.ine.es. Última consulta em 07/05/2019.

que determinam sem dúvida a paisagem linguística de todas estas localidades¹¹. Existe também um turismo europeu, nomeadamente da Holanda e da Alemanha, que para em Valencia de Alcántara e Marvão a caminho do seu destino em Portugal.

A recolha de dados foi realizada em vários pontos da vila onde previsivelmente podíamos contar com diferentes paisagens linguísticas e com presença nelas da língua portuguesa:

- a) Na parte histórica da cidade (desde a ponte romana até ao castelo e daí, pelo bairro gótico, até à Câmara Municipal, na Plaza de la Constitución, e proximidades) tentámos descobrir a presença histórica da língua portuguesa.
- b) Nestes mesmos lugares, no posto de Turismo e Centro Cultural (Plaza de Gregorio Bravo) e outros monumentos do património histórico (como o aqueduto romano), esperávamos encontrar informação em várias línguas.
- c) Na zona comercial da vila, que previsivelmente receberia portugueses de compras (e mais tendo em vista que não existem grandes centros comerciais), pensávamos que podíamos encontrar informação em língua portuguesa. No centro da vila, onde existe maior concentração de comércio e serviços, seguimos toda a rua da Duquesa de la Victoria e zonas próximas como a rua de San Bartolomé e parte do Paseo de San Francisco. Por outro lado, fizemos uma pequena recolha na avenida de Lisboa, que leva à saída da vila em direção a Portugal, e no parque de San Pedro de Alcántara, onde existem supermercados e outros estabelecimentos que supostamente poderiam frequentar os portugueses.
- d) Nos mesmos lugares, analisei também a paisagem linguística de bares e restaurantes, onde são sempre recebidos os visitantes e onde frequentemente, na fronteira ou no interior, é fácil encontrar informação em várias línguas.

¹¹ Das 3.857 habitações que existem em Valencia de Alcántara, 977 são *viviendas secundarias* e 450 estão vazias. Fonte: *Instituto Nacional de Estadística* – www.ine.es. Última consulta em 07/05/2019.



Imagem 1. Rivera de Avid¹².

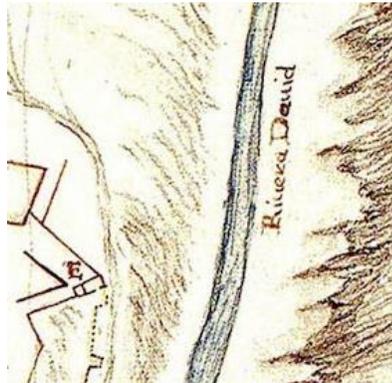


Imagem 2. Riueira David (fragmento de mapa de 1800).

A procura dos restos da antiga língua portuguesa falada na vila na Idade Média e ainda no século XVI não oferece muitos resultados: a denominação moderna dos lugares foi apagando a sua designação mais antiga. Em nenhuma das pontes que atravessam o rio em Valencia de Alcántara encontramos um sinal com o seu nome, mas num painel informativo de umas obras ao lado da ponte romana aparece como “rivera de Avid” (v. Imagem 1). O hidrónimo é claramente de origem portuguesa (*ribeira da Vide*) e foi causa de muita confusão nos

¹² Todas as fotografias foram realizadas pelo autor deste artigo.

responsáveis da toponímia oficial. Não há muitos anos, na estrada nacional perto da fronteira, num sinal aparecia o nome de “rivera David” e a denominação que podíamos encontrar na cartografia era igualmente confusa. A confusão vem de longe, como se pode comprovar num mapa do séc. XVII, copiado em 1800 por Pozzo (*apud* Cruz Villalón 2007), onde se pode ler perfeitamente o nome de “Riuera Daud” (v. Imagem 2). Ultimamente o Instituto Geográfico Nacional optou pela denominação de Avid e todos os sinais de trânsito e todos os mapas consultados repetem esta mesma designação, salvo em El Pino, como veremos¹³. Para além da Rivera de Avid, não encontrei nenhum rótulo nem nenhuma informação no espaço público que revelasse alguma relação antiga com a língua portuguesa.

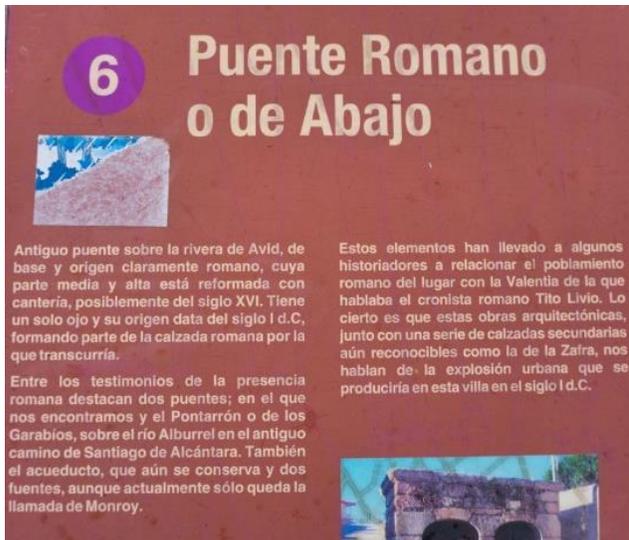


Imagem 3. Painel de informação turística.

Quanto à informação turística nos espaços públicos, é utilizada apenas a língua espanhola. Acontece assim nas placas metálicas colocadas no exterior dos monumentos: Puente Romano, Iglesia de Rocamador, Castillo Fortaleza, Puerta de las Huertas, Casa del Marqués

¹³ Fonte: Instituto Geográfico Nacional. Mapa Provincial Vectorial 1:200.000 (centrodedescargas.enig.es/CentoDescargas). Última consulta em 08/05/2019.

de Labrador, Casa Consistorial, Iglesia de la Encarnación, Convento de Santa Clara, Sinagoga, Acueducto Romano, etc. (v. Imagem 3). O mesmo acontece com mapas e outra informação turística.

Dentro do espaço do convento de Santa Clara, onde se encontra o posto de turismo de Valencia de Alcántara, há uma primeira informação sobre o posto de turismo e outros locais, tudo em espanhol. Na porta exterior do posto de turismo, no piso superior, encontramos informação em espanhol e uma primeira manifestação da língua portuguesa, parcialmente oculta numa sobreposição sobre o texto em espanhol. Trata-se de um programa conjunto entre Espanha e Portugal com apoio da UE: “por tierras rayanas / por terras raianas”.

Dado que toda a informação linguística de tipo turístico, salvo este último exemplo quase impercetível, aparece exclusivamente em espanhol, decidi não sujeitar-me ao modelo mais tradicional da metodologia de paisagem linguística, que fica sempre rigorosamente no exterior, e passar para o interior do edifício. Há cinco cartazes e uma folha de proibido fumar, todos redigidos em espanhol. Porém dois pequenos cartazes contêm informação parcialmente sobreposta em português, verdadeiramente difícil de identificar: o já citado programa de “por tierras rayanas / por terras rayanas” (que acompanha o seu logótipo) e a referência ao parque natural do “Tajo / Tejo Internacional” (num cartaz que anuncia passeios em caiaque). A informação desses mesmos cartazes, contudo, é toda em espanhol, de modo que essa mínima presença da língua portuguesa não responde a um propósito de informar os portugueses, mas só de cumprir com a formalidade dos nomes oficiais de determinados programas colaborativos entre os dois países. Por conseguinte, não se considera necessário traduzir a informação turística, talvez porque tradicionalmente os portugueses que visitam Espanha fazem o esforço de falar espanhol com maior ou menor proficiência.

Para completar a análise das paisagens linguísticas no âmbito turístico, foi realizada uma pesquisa também no interior de outros pontos de interesse. No exterior da Sinagoga, a informação é toda em espanhol. Porém, no interior aparece a descrição de todos os elementos parcialmente traduzida para português. É informação complementar e vê-se claramente que foi acrescentada posteriormente à colocação dos painéis originais. Este é o único caso de tradução para português de textos expostos ao público em Valencia de Alcántara.



Imagem 4. Citação do Marquês de Marialva.

Um segundo local onde se buscou informação em língua portuguesa foi o Centro de Interpretación. Toda a informação no exterior e no interior aparece exclusivamente em castelhano. Contudo, a reprodução de dois documentos antigos permite a aparição da língua do país vizinho. Em primeiro lugar, uma citação do Marquês de Marialva na época da Restauração (v. Imagem 4). É importante que não se considerasse necessário traduzir este texto para espanhol, do mesmo modo que parece que não se considera necessário traduzir as mensagens em espanhol para português em toda a vila. O segundo documento exposto é uma citação de 1652 do cronista Torres y Tapia, onde se lê: "...uense también en su entorno unas antas (así las llaman sus naturales)". O uso vivo de 'anta' com o significado de 'dólmen', que não existe em castelhano, é um testemunho de que, no século XVII, os habitantes mantinham algumas palavras da língua portuguesa no seu falar local, se não é que ainda falavam português. É, portanto, um dos raros exemplos da presença do português historicamente falado nas paisagens linguísticas da vila.

Um terceiro local de interesse turístico que se decidiu investigar no interior foi o Museo Antropológico, ao lado do posto de turismo. Toda a informação aparece exclusivamente em castelhano. Mas quando são expostos os nomes de algumas pessoas da vila, descobrem-se muitos apelidos de origem portuguesa: Carballo, Silva, Mimoso, etc. Contudo, os antropónimos foram muitas vezes castelhanizados.

Por fim, na pesquisa sobre a informação turística, verificou-se o interior da entrada das igrejas, onde existia naquela altura informação turística sobre procissões da Páscoa. Também aqui todos os cartazes foram redigidos exclusivamente em espanhol.



Imagem 5. Exposição de textos num bar-restaurante.

Quanto aos bares e restaurantes, não encontramos no exterior informação em português no centro histórico. Pelo contrário, a informação para o turista estrangeiro (por exemplo, da ementa) é feita exclusivamente em inglês. Num dos restaurantes da Avenida de Lisboa, na saída da vila, onde param muitas pessoas que vão a Portugal ou que vêm deste país, a informação exterior é toda em espanhol, como se pode ver na lista de petiscos (*tapas*), mas entre outros cartazes e anúncios, ao lado de informação só em espanhol, encontramos o único texto redigido só em português de toda Valencia de Alcántara: trata-se do cartaz de um festival taurino de beneficência na aldeia vizinha de Santo António das Areias, no concelho de Marvão. Uns cartazes só em espanhol e outro só em português aparecem em convívio sem que ninguém sentisse a mínima necessidade de traduzir (v. Imagem 5).

Todos os sinais de localização de lugares dentro da vila, sinais de trânsito e rótulos com os nomes de ruas e praças, aparecem exclusivamente em castelhano. Não encontramos nenhum nome de rua ou praça que pudesse revelar um antigo convívio com a língua portuguesa, a não ser os apelidos de alguns ilustres filhos da vila.

Logicamente, por não ser uma região com outra língua oficial protegida, o mesmo acontece com todos os rótulos de edifícios e serviços públicos, inclusivamente as mensagens mais informais coladas à porta ou na parede exterior: tudo é redigido em espanhol.

Os cartazes de atividades culturais no exterior de edifícios oficiais, muitos deles também expostos em estabelecimentos comerciais, são redigidos exclusivamente em castelhano. Por exemplo, no expositor da Câmara Municipal há informação sobre os dias feriados, recomendação para uso de sacos de plástico, passeios a cavalo organizados e uma caminhada pela raia. De facto, Portugal e a fronteira com o país vizinho estão presentes constantemente, apesar de não aparecer nenhum texto redigido em português.



Imagem 6. Casa do Povo de Santo António das Areias.

Na Casa de la Cultura e no Centro Cultural Conventual acontece o mesmo. Só num programa de música tradicional (celebrado na aldeia raiana de Aceña de la Borrega) encontramos o logótipo da “Casa do Povo de Santo António das Areias” com a legenda, logicamente, em português (v. Imagem 6). A presença da língua portuguesa, portanto, não responde a uma necessidade de transmitir informação aos visitantes portugueses.



Imagem 7. Cafés portugueses na montra de uma mercearia.

O comércio e outros serviços do centro da cidade (cabeleireiros, arquitetos, bancos, etc.), apesar das oportunidades que sempre se dão na vida fronteiriça, nunca utilizam a língua portuguesa: nem nos rótulos com os nomes dos estabelecimentos (em Espanha não é obrigatório o uso de nenhuma língua e só existe alguma legislação para preservar as línguas oficiais minoritárias), nem na informação comercial, nem nos cartazes ou notas particulares que frequentemente são expostos nas montras ou nas paredes exteriores. O português aparece de forma não propositada nos nomes de alguns produtos, como é o caso de cafés elaborados em Campo Maior para a sua distribuição na Extremadura espanhola (v. Imagem 7).

Toda a informação comercial aparece sempre em espanhol, salvo o nome de alguma marca inglesa (*paperblancks*) ou estrangeirismos de uso frequente em castelhano, como o francesismo *souvenirs*. O uso de outras línguas, especialmente o inglês, é frequente nas lojas da vila, mas não tanto para informação de visitantes como por efeito da globalização.



Imagem 8. Carnicería Salgado.

Nalguns casos, o nome de alguns estabelecimentos revela a origem portuguesa de muitos apelidos, o que se verifica muito frequentemente em Valencia de Alcántara e não só nas aldeias fronteiriças. É o caso deste exemplo de “Carnicería Salgado” (v. Imagem 9). E também são frequentes os nomes alusivos a Portugal, como no supermercado “Súper Lisboa”, estrategicamente situado na saída para a fronteira, mas mantendo sempre toda a informação comercial em espanhol.

Não é necessário mostrar as estatísticas do uso do português, porque, de facto, o português não aparece na paisagem linguística de Valencia de Alcántra, salvo alguns poucos casos excepcionais que foram referidos. Apesar de Portugal e a fronteira estarem presentes de algum modo por toda a vila, só se encontrou um caso de mensagem redigida exclusivamente em português: um cartaz de Santo António das Areias. Nem sequer a informação comercial e turística, que podia interessar especialmente aos visitantes portugueses, contém informação em português: foi preciso aceder ao interior da Sinagoga para encontrar dois textos bilingues espanhol-português. De resto, a língua é quase impercetível, como a sobreposição ao castelhano nalguns programas conjuntos.

No caso de informação oficial, logicamente só se utiliza o espanhol, porque é a única língua oficial na Extremadura. Bancos e outros serviços usam também o espanhol como única língua. Existe o Banco Caixa Geral na localidade que, por ser português, tem o nome português, mas também ele informa os utentes exclusivamente em espanhol.

A antroponímia, presente, por exemplo, no nome de ruas, em placas comemorativas ou nos rótulos das lojas, também revela a sua origem muitas vezes portuguesa, apesar da sua castelhanização sistemática.

Quanto ao português historicamente falado nesta região fronteiriça desde a Idade Média, deixou testemunhos verdadeiramente difíceis de perceber na paisagem linguística: o nome da *ribera de Avid* e alguma curiosidade oculta no interior de algum museu (onde se documenta a palavra ‘anta’ na língua viva do século XVII).

As aldeias fronteiriças

Pequenas aldeias e casarões têm pouca necessidade de comunicar nos espaços públicos, de tal modo que, como acontece na

raia fronteiriça de Valencia de Alcántara onde se fala português, as suas paisagens linguísticas são pobres, às vezes quase inexistentes. Para além disso, existem (quando existem) poucas lojas, bares ou restaurantes, não há instituições públicas ou serviços e frequentemente não têm visitantes ou turistas que precisem daquela informação ou, nos poucos lugares em que isto acontece, não são falantes da língua minoritária. Havendo poucos textos escritos, prestou-se atenção especial a nomes de ruas e praças, sinais informativos de trânsito, fora e dentro das localidades, ou informação isolada no meio do campo relativamente a trilhos e rotas de caminhada, entre outros.

O facto de nestas aldeias raianas falar-se português, muito embora esteja neste momento em vias de extinção, fez com que a análise das paisagens linguísticas visasse verificar a presença da língua minoritária, e não tanto procurar o uso de português destinado a turistas do outro lado da fronteira, como acontecia no caso de Valencia de Alcántara.



Imagem 9. Rua de San Pedro de los Majarretes.

Em San Pedro de los Majarretes encontramos informação turística sobre o antigo convento franciscano e uma escultura com inscrição: tudo em castelhano. Porém, é possível encontrar um vestígio do português aí falado no rótulo de uma rua: “Calle Los Tapaones” (v. Imagem 9). É evidente que procede da palavra portuguesa ‘tapado’ (aumentativo plural ‘tapadões’, castelhanizado em *tapadones*) o que

condiz com essa rua que, de facto, não é mais do que um caminho entre quintas cercadas. É curioso como a palavra foi integrada no espanhol segundo a pronúncia extremenha: quem registou o nome oficial da rua, por desconhecimento da língua portuguesa, não soube restituir o [d] intervocálico.

No interior do convento de San Pedro há um restaurante muito visitado por turistas. Na entrada existe uma placa de 1622 alusiva a São Pedro de Alcântara, que aí professou, em castelhano, sem nenhuma interferência de português. Debaixo dela, uma descrição de menus especiais de caça e cogumelos só em castelhano. Foi necessário aceder ao interior do restaurante para encontrar informação em várias línguas: folhetos em castelhano, inglês e português.



Imagem 10. Algumas ruas de El Pino (©Google Maps).

Em El Pino, os nomes das ruas foram renovados recentemente, de modo que já não é possível encontrar as designações mais tradicionais de origem portuguesa. É claro que nomes cultos como Calle de Ramón y Cajal, Hernán Cortés ou Miguel de Cervantes, não eram os nomes com que as conheciam tradicionalmente os seus habitantes. De facto, ainda é possível documentar alguns nomes tradicionais graças a Google Maps¹⁴ (v. Imagem 10). A “Calle Montaña” já não tem este nome e a

¹⁴ A pesquisa em Google Maps foi realizada em 2 de abril de 2019. A última consulta foi realizada em 22 de outubro de 2019 e ainda não se tinham renovado as imagens de El Pino.

“Calle Ramón y Cajal” era conhecida como “Calle del Terrero”. Nem todos os nomes tradicionais das ruas desapareceram, mas estão perfeitamente castelhanizados: “Calle de la Iglesia”, “Puerto El Pino”, “Calle Parra”, etc. Quando a rua é dedicada a alguma personalidade, aparecem apelidos portugueses mais ou menos castelhanizados, como na rua de “José Carballo Salgado”.

Os rótulos com os nomes de ruas e praças apenas deixam transparecer na atualidade o português falado tradicionalmente em El Pino. Os nomes recentemente atribuídos estão, por outro lado, muito longe da vida tradicional. A imagem da língua portuguesa desaparece ao mesmo tempo que desaparece o seu uso e até a própria população, muitas vezes substituída por pessoas que compram as casas para férias. Houve uma evidente perda de identidade cultural e linguística, o que se pode verificar também na paisagem linguística da aldeia.



Imagem 11. “Río Riveriño” em El Pino.

Ainda se pode ver um documento precioso doutros tempos em que as pessoas da aldeia falavam o seu português raiano. Na saída para as Casas da Dúvida (no alto da serra que faz fronteira com Portugal), é preciso atravessar uma ponte sobre um pequeno ribeiro. Uns marcos de pedra protegem as viaturas. Dois deles forão toscamente gravados. No primeiro lê-se o nome da aldeia: “El Pino”. No segundo, o nome do ribeiro: “Río Riveriño” (v. Imagem 11). *Ribeirinho* era, portanto, o nome

com que era conhecido este pequeno ribeiro em El Pino¹⁵. Trata-se de uma das fontes do “Avid” que passa por Valencia de Alcántara, mas ainda sem esse nome. No próprio Instituto Geográfico Nacional há alguma confusão. No *Mapa Provincial vectorial* da província de Cáceres aparece o nome de “Rivera Avid”, mas só depois da ponte de El Pino. No *Visor Iberpix 2* do mesmo Instituto Geográfico Nacional lê-se perfeitamente o nome de “Dúdiva”, mas antes de chegar a El Pino. Será por isso que outros mapas comerciais mantêm esta confusão. No Guia Michelin, pode ler-se escrito em português “Ribeira da Dúdiva”. Naturalmente, **dúdiva* é um erro por ‘dúvida’, talvez por contaminação do espanhol *duda*. O nome procede daquelas Casas da Dúvida que foram acima citadas e desde as quais descem as águas do ribeiro.



Imagem 12. Cartaz em Jola.

Em Jola, os nomes das ruas não revelam a língua portuguesa ali tradicionalmente falada: “Calle Antolina Durán”, “Calle Casas de la Rivera”, “Calle Virgen del Pinar”, etc. Como acontece em todas estas pequenas aldeias, é raro encontrar textos nos muros das casas. Num

¹⁵ O facto de aparecer escrito como *Riveriño* explica a situação de diglossia tradicional dos habitantes raianos: a língua materna era o português, mas a alfabetização era feita em castelhano.

candeeiro aparece um cartaz de uma rota pela raia (que atravessa Jola) em castelhano, no miradouro sobre o ribeiro da aldeia (v. Imagem 12). Em vários fornos tradicionais aparece também, como informação turística, a legenda em castelhano: “Horno de leña”.

Algumas casas antigas têm uma inscrição na fachada com o ano de construção e as iniciais dos donos, mas também é possível encontrar alguma casa recentemente restaurada como a que reproduz um regionalismo da Extremadura espanhola: “El Calajanso”. Segundo Viudas Camarasa (1988, s.v.), *calahanso* é usado em Mérida e Trujillo com o significado de “Juego infantil, sobre todo de niñas”, mas não parece que aqui tenha esse sentido. No portal *Diccionario Dialectal Peraléo*, sobre o falar de Peralada de la Mata (província de Cáceres), diz-se que *calajanso* é “persona tarda, perezosa y descuidada. También desgarbada y sin gracia” e acrescenta: “En origen un **calajanso** era un cobertizo rústico hecho con cuatro palos verticales clavados en el suelo que soportaban una techumbre hecha con escobones para quemar en el invierno”¹⁶. Esta definição condiz mais com o nome de uma casa. Talvez esteja relacionada com a palavra usada em castelhano, mas de origem catalã, *calaje*. El Calajanso é também um lugar do campo de Llera, na província de Badajoz¹⁷.

Existe um restaurante muito frequentado aos fins de semana. Os sinais com o nome do restaurante e o seu estacionamento estão em castelhano, bem como a informação exposta à janela. O menu à porta do restaurante, num quadro sobre o chão, aparece redigido em castelhano, mas o conteúdo é uma mistura bem raiana: sopa extremenha, salmorejo de Córdoba, bacalhau com natas português e *lacón* galego. Na ementa do restaurante aparecem pratos portugueses: a farinheira, bacalhau com natas, bacalhau dourado, o polvo à lagareiro e a serradura.

Em Jola, portanto, não existe presença pública da língua portuguesa. As poucas mensagens da sua paisagem linguística, dirigidas aos visitantes espanhóis daquela região, usam apenas o castelhano.

¹⁶ <https://raicesdeperaleda.com/diccionario/palabra/ficha/calajanso/1898>. Consultado em 14/05/2019.

¹⁷ V. portal *geoview.info*: http://es.geoview.info/el_calajanso,1241569439n. Portal *cartographic.info*: <https://cartographic.info/espana/map.php?id=150164>. Portal *Directorio Cartográfico de España*: <https://www.dices.net/espana/mapa-Badajoz-El-Calajanso-509439>. Todos consultados no dia 14/05/2019.



Imagem 13. Casa em La Fontañera, já em território português.

A última das aldeias visitadas, La Fontañera, apresenta pouca visibilidade da língua portuguesa, como as outras, bem como algumas situações curiosas por causa da sua localização mesmo na raia fronteiriça. Uma das casas foi construída já em território português, mas o contador de água revela que os construtores eram espanhóis (v. Imagem 13).

O nome das ruas, em todos os casos antropónimos, não se relaciona com o português fronteiriço. Todas as mensagens informativas à vista, formais ou informais, estão redigidas em castelhano: casas que se vendem, a capela de “Santa María de la Primavera”, uma associação cultural, etc. No caso do rótulo da “Asociación Cultural Los Mochileros”, na palavra **Asociacion* falta o acento e **Fontañera* aparece escrito com *n* por *ñ*, cujo til foi colocado sobre o *a* anterior. Bem parece que os autores do rótulo foram portugueses com escasso conhecimento da ortografia espanhola.

Em La Fontañera existe um estabelecimento de alojamento local com dois apartamentos (“El Salto del Caballo”) que também possui uma cafetaria de nome “El Cafecito”. Todos os rótulos e outras informações estão em espanhol, salvo uma folha colada à porta onde se informa em espanhol, inglês e alemão.

Só encontramos um caso de informação em português: trata-se de uns azulejos na fachada de uma casa: “Casa da Ti Sarradôra”. Como acontecia com o caso anterior de Jola, onde numa casa se lia “El Calajanso”, também aqui temos um exemplo de casa já não habitualmente habitada, talvez herdada por alguém que vive em Portugal.

Também se fez uma pesquisa nas paisagens linguísticas presentes nas estradas que unem todas estas localidades com o propósito de analisar a toponímia menor. É verdade que o campo nunca oferece muitos exemplos de informação verbal mas, por outro lado, costuma

preservar melhor os nomes tradicionais. Contudo, neste caso toda a informação aparece em castelhano (inclusivamente os nomes de origem portuguesa, que foram castelhanizados), salvo o cartaz de venda de uma quinta que aparece escrito em castelhano e inglês.



Imagem 14. Hotel El Cortiñal

Tradicionalmente, as pessoas não colocavam o nome à porta das suas quintas. Por vezes, nem sequer eram registadas e, quando eram registadas, frequentemente não lhes atribuíam um nome. Foram documentados todos os nomes de quintas que se vêem na estrada de La Fontañera a Valencia, mas todos são nomes castelhanos (“La Viña”, “El Pocito”). As pessoas que comprem agora as quintas para férias, o que é muito frequente nesta região, gostam de pôr um nome à vista, mas normalmente procedem doutros lugares e, portanto, falam espanhol. Na estrada de Valencia a La Fontañera encontramos este caso de palavra portuguesa castelhanizada com o artigo *el*: “El Cortiñal” (v. Imagem 14)¹⁸. Trata-se de um hotel rural.



Imagem 15. Sinais da estrada

¹⁸ Em espanhol é ‘cortinal’, mas esta palavra não se usa na Extremadura, como se pode comprovar em González Salgado (s.d.)

Existem também alguns sinais para localização de lugares de interesse turístico, bem como rotas para fazer a pé, de cavalo e de bicicleta por toda esta região. Na mesma estrada de Valencia de Alcántara a La Fontañera encontramos um conjunto de sinais onde é possível adivinhar a língua portuguesa tradicionalmente falada nas aldeias raianas (v. Imagem 15). “Yeguada Cortiñal” é a mesma quinta que se mostrou antes como Hotel Rural e, portanto, aparece preservada a palavra portuguesa com ortografia castelhana. Noutros casos, a tradução imediata facilitada pela transparência dos termos, quando não a mais recente designação em castelhano, faz com que seja impossível apreciar o falar local. É o caso do “Molino de la Negra”. Porém, quando as palavras portuguesas não são inteligíveis para um hispano-falante, é mais fácil encontrar formas preservadas, como é o caso de ‘tapada’ e ‘anta’ (v. Imagem 16).



Imagem 16. Tapada del Anta.

Conclusões

A presença da língua portuguesa nos espaços públicos da região de Valencia de Alcántara é tão reduzida, quase inexistente, que não foi possível levar a cabo estatísticas de uso comparado entre as línguas utilizadas. O uso do castelhano é quase exclusivo na vila de Valencia, sem dúvida no âmbito do turismo e nos serviços de hotelaria e restauração, mas também no âmbito comercial e de outras atividades económicas, onde, em todo o caso, só o inglês, como língua global, compartilha minimamente com o castelhano a paisagem linguística.

No caso das aldeias raianas, de fala tradicional portuguesa, constatou-se nas suas paisagens linguísticas não só a ausência do português, mas também a perda de identidade (por exemplo, no nome tradicional de ruas e quintas), que sem dúvida avança ao mesmo ritmo que a perda de população (frequentemente substituída por visitantes de fins-de-semana e férias) e a perda de uso da língua portuguesa.

Isto não quer dizer que Portugal e a sua língua não estejam presentes nas paisagens linguísticas que foram analisadas. Existe uma informação constante de atividades culturais, desportivas e até comerciais com o país vizinho nos espaços públicos. A gastronomia portuguesa aparece frequentemente nos restaurantes. Todavia, não se considera necessário o uso da língua portuguesa, nem sequer destinado a um português que, de visita, de turismo ou de compras, é muito frequente nesta região fronteiriça. Note-se que não estamos neste caso perante determinadas políticas de visibilidade linguística na informação oficial ou privada dos espaços públicos, dado que aqui não se aplicam nem para o uso da língua oficial (o espanhol, cuja presença não foi regulamentada no âmbito privado) nem para a preservação de línguas minoritárias (que aqui nunca foram reconhecidas). Não havendo nenhum impedimento para informar e publicitar em língua portuguesa, a opção de usar só o espanhol tem que responder necessariamente a um motivo pragmático: os portugueses podem ler sem problemas em espanhol e encontrar o que procuram.

A metodologia mais tradicional das paisagens linguísticas analisadas em situação de línguas em contacto ou línguas minoritárias (e neste trabalho encontram-se ambas as situações) não podia mostrar resultados significativos e por isso foi preciso modificar metodologicamente as pesquisas linguísticas no espaço público. Deste modo, o estudo também analisou o interior de alguns espaços de acesso público, foram documentadas determinadas formas em castelhano que são adaptação ou tradução do português (por exemplo, em determinados topónimos e antropónimos expostos em sinais, rótulos, cartazes, etc.) e até foi considerada a cartografia para melhor entendimento da interferência entre o falar local e a língua oficial. Graças a esta metodologia foi possível verificar, por exemplo, alguns raros casos do português antigamente falado em Valencia de Alcántara, bem como do português raiano que, em vias de extinção, é a língua tradicional de aldeias e casaríos próximos da fronteira.

As paisagens linguísticas, portanto, mostram que o português como língua minoritária desaparece. É uma situação que já tinha sido

descrita noutros estudos (como Carrasco 2006, 2007), o que não quer dizer que uma análise das paisagens linguística não venha enriquecer a compreensão deste fenómeno. Xosé Luis Regueira, Miguel López Docampo e Matthew Wellings, observando os resultados de trabalhos sobre diferentes paisagens linguísticas localizadas na Galiza, advertiam que os resultados eram os mesmos que já antecipavam outros estudos, pondo em causa a sua utilidade. Em todo o caso, seguindo Malinowski (2009), “para que esta perspectiva de investigación tenga un mayor poder explicativo, es necesario tomar en cuenta el contexto, las motivaciones de los agentes y las reacciones que provocan en los receptores” (Regueira / Docampo / Wellings 2013: 60). É evidente que uma metodologia de tipo sociolinguístico como esta precisa da análise do contexto social e humano, o que também se tentou descrever neste trabalho. Mas há outros valores no estudo das paisagens linguísticas que nem sempre são perceptíveis seguindo outras metodologias. Por um lado, porque permite uma documentação que até pode ser quantificada com valores absolutos e estatísticos de fenómenos que muitas vezes são descritos sem precisão (“as pessoas parece que já não falam o dialeto como antes”, “é sabido que os espanhóis não se esforçam por falar com os portugueses na sua língua”, etc.) e, por outro lado, porque o espaço público mostra quais são os resultados de políticas linguísticas de preservação das línguas minoritárias (quando existem), ou quais são os resultados da falta de políticas linguísticas, como acontece no caso da região de Valencia de Alcántara. Aliás, estes resultados poderão comparar-se com os resultados que outros trabalhos no futuro se possam levar a cabo, de tal modo que facilmente se verifique a transformação dos usos linguísticos comparativamente com a situação atual.

Bibliografía

- Aiestaran, Jokin / Cenoz, Jasone / Gorter, Durk (2010): “Multilingual cityscapes. Perceptions and preferences of the inhabitants of the city of Donostia-San Sebastian” in Elana Shohamg, Eliezer Ben-Rafael, Monica Barni (eds.), *Linguistic Landscape in the City*, Bristol: Multilingual Matters, pp. 219-234.
- Aiestaran, Jokin / Cenoz, Jasone / Gorter, Durk (2013): “Perspectivas del País Vasco: el paisaje lingüístico en Donostia-San Sebastián”, *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, 11.1, pp. 23-38.

- Appadurai, Arjun (1996): *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*, Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Calvi, Maria Vittoria (2018): "Paisajes lingüísticos hispánicos: panorama de estudios y nuevas perspectivas", *Lynx. Panorámica de Estudios Lingüísticos*, 17, pp. 5-58.
- Carrasco González, Juan M. (1996a): "Hablas y dialectos portugueses o galaico-portugueses en Extremadura (Parte I: Grupos dialectales. Clasificación de las hablas de Jálama)", *Anuario de Estudios Filológicos*, 19, pp. 135-149.
- Carrasco González, Juan M. (1996b): "A língua portuguesa na Extremadura espanhola: o caso de Valencia de Alcántara" in Inês Duarte / Isabel Leiria (orgs.), *Congresso Internacional sobre o Português. Actas*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística – Edições Colibri, vol. 3, pp. 57-73.
- Carrasco González, Juan M. (1997): "Hablas y dialectos portugueses o galaico-portugueses en Extremadura (Parte II y última: Otras hablas fronterizas. Conclusiones)", *Anuario de Estudios Filológicos*, 20, pp. 61-79.
- Carrasco González, Juan M. (2001): "La frontera lingüística hispano-portuguesa en la provincia de Badajoz", *Revista de Filología Románica*, 18, pp. 139-158.
- Carrasco González, Juan M. (2006): "Evolución de las hablas fronterizas luso-extremeñas desde mediados del siglo XX: uso y pervivencia del dialecto", *Revista de Estudios Extremeños*, 62.2, pp. 623-635.
- Carrasco González, Juan M. (2007): "Falantes de dialectos fronteiriços da Extremadura espanhola no último século", *Limite. Revista de estudos portugueses y de la lusofonía*, 1, pp. 51-69.
- Carrasco González, Juan M. (2015): "La lengua portuguesa en Valencia de Alcántara durante la Edad Media", *Revista de Estudios Extremeños*, 71.3, pp. 1631-1662.
- Carrasco González, Juan M. (2017): "Documentación antigua sobre las localidades de habla portuguesa de Herrera de Alcántara y Cedillo", *Revista de Estudios Extremeños*, 73.1, pp. 2567-2592.
- Carrasco González, Juan M. (2019): "Tipologías lingüísticas, políticas de la administración y preservación de la fala", *Limite. Revista de estudos portugueses y de la lusofonía*, 13.2, pp. 13-36.
- Cenoz, Jasone / Gorter 7 Durk (2006): "Linguistic Landscape and Minority Languages" in Durk Gorter (ed.), *Linguistic Landscape:*

- A New Approach to Multilingualism*, Clevedon: Multilingual Matters [= International Journal of Multilingualism, 3.1, pp. 67-80].
- Comajoan Colomé, Llorenç (2013): "El paisaje lingüístico en Cataluña: caracterización y percepciones del paisaje visual y auditivo en una avenida comercial de Barcelona", *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, 11.1, pp. 63-88.
- Cruz Villalón, María (coord.) (2007): *Ciudades y núcleos fortificados de la frontera hispano-lusa. El territorio de Extremadura y Alentejo. Historia y patrimonio*, Cáceres – Mérida: Universidad de Extremadura / Consejería de Cultura y Gabinete de Iniciativas Transfronterizas de la Junta de Extremadura.
- Dunlevy, Deirdre Adrienne (2012): "Linguistic policy and linguistic choice: a study of the Galician linguistic landscape" in Christine Hélot, Monina Barni, Rudi Janssens, Carla Bagna (eds.), *Linguistic landscapes, multilingualism and social change*, Frankfurt: Peter Lang, pp. 53-68.
- Durk, Gorter / Cenoz, Jasone (2012): "The Revitalization of Basque and the Linguistic Landscape of Donostia-San Sebastián" in Durk Gorter, Heiko F. Marten, Luk Van Hensel (eds.), *Minority Languages in the Linguistic Landscape*, Basingstroke: Palgrave-MacMillan, pp. 148-163.
- González Salgado, José Antonio (s.d.): *Vocabulario tradicional de Extremadura (léxico de la agricultura y la ganadería)*, Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- Kakihara, Takeshi (2014): "O uso lingüístico no ámbito comercial reflectido na paisaxe lingüística no centro de Santiago de Compostela", *Cadernos da Lingua*, 35, pp. 39-65.
- Landry, Rodrigue / Bourhis, Richard (1997), "Linguistics Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study", *Journal of Language and Social Psychology*, 16.1, pp. 23-49.
- López Docampo, Miguel (2011): "A paisaxe lingüística: unha análise dun espazo público galego", *Cadernos da Lingua*, 33, pp. 5-35.
- Malinowski, David (2009): "Authorship in the Linguistic Landscape: A Multimodal-Performative View" in Elana Shohamy, Durk Gorter (eds.), *Linguistic Landscape: Expanding the Scenery*, London: Routledge, pp. 107-125.

- Mosquera Castro, Estefanía / Wellings, Matthew P. (2014): “Os códigos lingüísticos da rede e a paisaxe lingüística galega”, *Estudos de lingüística galega*, 6, pp. 173-197.
- Pons Rodríguez, Lola (2012): *El paisaje lingüístico de Sevilla. Lenguas y variedades en el escenario urbano hispalense*, Sevilla: Diputación de Sevilla.
- Pons Rodríguez, Lola (2014): “El paisaje lingüístico en la frontera luso-española: multilingüismo e identidad” in E. Bravo García, Emilio Gallardo-Saborido, Inmaculada Santos de la Rosa, Antonio Gutiérrez (Eds.), *Investigaciones sobre la enseñanza del español y su cultura en contextos de inmigración*, Sevilla – Helsinki: Universidad de Sevilla / Helsingin Yliopisto, pp. 69-93.
- Regueira, Xosé Luis / López Docampo, Miguel / Wellings, Matthew (2013): “El paisaje lingüístico en Galicia”, *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, 11.1, pp. 39-62.
- Rodríguez Barcia, Susana / Ramallo, Fernando (2015): “Graffiti y conflicto lingüístico: el paisaje urbano como espacio ideológico”, *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)*, vol. 13.1, pp. 131-153.
- Solé i Comardons, Jordi (1999): “La llengua als hipermercats i cadenes de supermercats de Catalunya”, *Llengua i Ús. Revista Técnica de Política Lingüística*, 14, pp. 57-60.
<https://www.raco.cat/index.php/LlenguaUs/article/view/129502>
 [27.04.2019].
- Solé i Comardons, Jordi / Torrijos López, Anna (2008): “El sistema d'indicadors lingüístics a Catalunya”, *Llengua i Ús. Revista Técnica de Política Lingüística*, 43, pp. 92-103.
<https://www.raco.cat/index.php/LlenguaUs/article/view/128358>
 [28.04.2019].
- Solé i Comardons, Jordi / Romaní Olivé, Joan Maria (1997): “Els usos lingüístics en la retolació a Barcelona”, *Llengua i Ús. Revista Técnica de Política Lingüística*, 10, pp. 58-67.
<https://www.raco.cat/index.php/LlenguaUs/article/view/129481>
 [27.04.2019].
- Vilhena, Maria da Conceição (2000): *Falares de Herrera e Cedillo, Mérida*: Gabinete de Iniciativas Transfronterizas. Tradução espanhola (2000): *Hablas de Herrera y Cedillo, Mérida*: Gabinete

de Iniciativas Transfronterizas / Editora Regional de Extremadura, Serie de Estudios Portugueses, n. 15.

Viudas Camarasa, Antonio (1988): *Diccionario Extremeño*, 2ª ed., Cáceres. [1ª ed., Cáceres: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, 1980].

Wellings, Matthew (2014): "Un estudo da paisaxe lingüística en Santiago de Compostela", *Caderno de Lingua*, 35, pp. 5-37.